



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DE FÁTIMA ALVES OLIVEIRA

O SENSO CRÍTICO NO ESPAÇO ESCOLAR: O QUE É? COMO SE CONSTRÓI?

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

MARIA DE FÁTIMA ALVES OLIVEIRA

O SENSO CRÍTICO NO ESPAÇO ESCOLAR: O QUE É? COMO SE CONSTRÓI?

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof.^aMa. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48s Oliveira, Maria de Fátima Alves
O senso crítico no espaço escolar: o que é? Como se constrói?
[manuscrito] / Maria de Fátima Alves Oliveira. - 2014.
41 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias,
2014.

"Orientação: Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Letras e
Humanidades".

1.Escola. 2.Ensino. 3.Leitura. 4.Pensamento-crítico. I.
Título.

21. ed. CDD 372.4

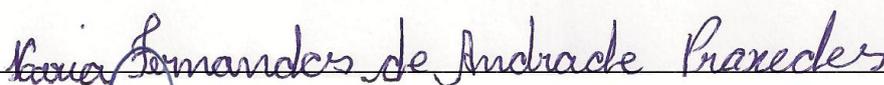
MARIA DE FÁTIMA ALVES OLIVEIRA

O SENSO CRÍTICO NO ESPAÇO ESCOLAR: O QUE É? COMO SE CONSTRÓI?

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da universidade Estadual da Paraíba, em parceria com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de especialista.

BANCA EXAMINADORA

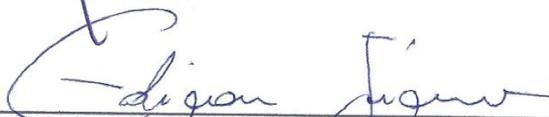
Aprovada em 06/ 12/ 2014.



Prof^a. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora – UEPB/CAMPUS/IV



Rômulo César de Araújo Lima
Examinador - UEPB/CAMPUS/IV



Edivan da Silva Nunes Júnior
Examinador - UEPB/CAMPUS/IV

A Deus, que sempre me guiou com sua benevolência, dando-me força e sabedoria para que eu não desistisse dos meus objetivos. A toda a minha família, em especial aos meus filhos Abel Alves, Ana Alves e Rita de Alves, e ao meu esposo Francisco das Chagas e aos professores que em muito contribuíram com essa formação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela sua presença incondicional em minha vida e por ter sido a força maior em todas as minhas ações.

Ao meu pai João Manoel (em memória), pelos ensinamentos.

A minha mãe, Maria Alves (em memória), pela formação pessoal e por ter contribuído com a minha educação e formação cidadã.

Aos meus colegas, pela união e apoio.

Aos meus filhos, que compreenderam a minha ausência.

Aos professores do curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, pela contribuição e construção de saberes diversos.

Ao coordenador da Especialização do Polo de Catolé do Rocha, Rômulo César de Araújo Lima.

À Carol Cavalcante, coordenadora, responsável pelas informações e orientações das atividades virtuais.

À professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pelas orientações, cordialidade e colaboração para a construção deste trabalho.

Aos amigos, pelo companheirismo e pela amizade.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente com a realização deste trabalho.

A leitura crítica só é possível se o leitor tem conhecimento das condições de produção do discurso e de seu funcionamento.

(Medeiros, 2014)

RESUMO

Este trabalho foi conduzido através da apropriação de referencial teórico seguido de pesquisa de campo, cuja coleta de dados se deu através de questionários. O objetivo principal deste estudo é discutir a importância de estimular o pensamento crítico-reflexivo do educando do ensino fundamental e médio por meio de atividades curriculares que despertem a curiosidade do aluno, levando-os a questionar-se sobre a relação existente entre os assuntos ministrados em sala de aula e a realidade vivenciada. A intervenção em sala de aula buscou identificar como alunos dos dois níveis de ensino se colocam diante de textos de menos complexidade. As teorias que orientaram as nossas reflexões têm em Assmann (2007), Freitas (2004), Freire, (1992), Perrenoud (2003), entre outros, as principais referências. Após as discussões e análise, verificamos que ainda há uma série de dificuldade no processo de ensino de leitura no espaço da escola. Muitas vezes, o professor não sabe como conduzir o aluno ao desenvolvimento do senso crítico, e em função disso, muitas vezes, os alunos só repetem o que está explícito no texto.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Ensino. Leitura. Pensamento-crítico.

ABSTRACT

This work was conducted through the theoretical framework of appropriation followed by field research, which data collection was through questionnaires. The aim of this study is to discuss the importance of stimulating critical and reflective thinking in educating elementary and secondary education through curriculum activities that arouse the curiosity of students, leading them to wonder about the relationship between the subjects taught in the classroom and the lived reality. The intervention in the classroom to identify how students of both levels of education stand before less complex texts. The theories that have guided our reflections are in Assmann (2007), Freitas (2004), Freire (1992), Perrenoud (2003), among others, the main references. After discussion and analysis, we find that there is still a lot of difficulty in reading teaching process in the school. Often the teacher does not know how to lead the student to the development of critical thinking, and because of this, many times, students only repeat what is explicit in the text.

KEYWORDS: School. Education. Reading. Critical thinking.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO DO SUJEITO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	12
2.1 O cotidiano escolar e a formação do pensamento crítico do aluno.....	15
2.2 A proposta de uma abordagem pedagógica libertadora à luz dos pressupostos de Paulo Freire.....	16
3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO EDUCANDO CRÍTICO REFLEXIVO	19
3.1 A formação crítico-reflexivo e construção de conhecimento	19
3.2 O estímulo do senso crítico em sala de aula.....	19
4 UM OLHAR ANALÍTICO PARA O PENSAMENTO CRÍTICO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE JERICÓ	21
4.1 Percepções de alunos do Ensino Fundamental sobre o texto “Terapia do afeto, fantasia e risadas”	24
4.2 Percepções de alunos do Ensino Médio sobre o texto “Ser idoso e ser velho”	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS	36

1 INTRODUÇÃO

Formar cidadãos não é tarefa fácil, trata-se de um esforço coletivo: não apenas no ambiente da escola, mas também no seio da família, das organizações sociais e das relações dos próprios indivíduos, que desempenham um papel importante na formação pessoal e profissional.

A compreensão das coisas é construída ao longo da vida. Portanto, nas nossas vivências (trajetória de vida), os saberes sistemáticos compõem um legue de competência nas diferentes áreas de conhecimentos, saberes necessários à vida social de cada indivíduo.

Nesse sentido, no que concerne à questão da educação escolar, o docente tem um papel fundamental na construção e formação cidadã do sujeito, visto que a escola é o espaço de transformação e construtora de opiniões. Desta feita, a escola exerce a função social de agente transformador e formador de opinião.

A escola deve ser também um ambiente próprio para a formação de educandos conscientes de suas escolhas, autocríticos e que saibam discernir opiniões, abstraindo e diferenciando informações importantes dos movimentos momentâneos das massas que seguem algum modismo.

Partindo desta compreensão, podemos inferir que um sujeito ciente de suas escolhas consegue expor seu ponto de vista, conseqüentemente, isso corrobora o processo de construção da personalidade. Vale salientar, contudo, que essas escolhas podem ser, muitas das vezes, censuradas pela maioria das pessoas da sociedade, porém, é direito de todos escolher e não se colocar como passivos de quaisquer propositivas que lhe são impostas.

O livre arbítrio é, antes de qualquer coisa, uma condução humana livre de vínculos políticos, religiosos, étnicos, entre outros. Assim, a escola, como ambiente transformador/transformado (ela se transforma constantemente em reação à ação de transformar o sujeito a ser educado), deve desempenhar um papel que vai além daquele tradicional (transmitir conhecimento), e assumir uma posição crucial na sociedade: a escola deve assumir, além da posição de geratriz, a posição de lei de formação de cidadãos conscientes.

É importante frisarmos que o trabalho docente é bastante espinhoso, mas ao mesmo tempo gratificante, tendo a finalidade de educar e formar cidadãos críticos, pois a educação deve ocorrer para todos e em qualquer classe e entidade social. E

é exatamente esse o foco de estudo desse trabalho: a formação de cidadãos críticos reflexivos por intermédio de atividades didáticas que estimulem à percepção, o raciocínio, a capacidade de questionar, enfim, estimular várias qualidades que estão ligadas diretamente à capacidade de codificar a realidade.

O pensamento crítico é uma análise minuciosa sobre um tema em questão, articulando um conjunto de argumentos que são julgados convenientes por meio do observador para sustentar uma posição com relação ao tema em questão.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, fizemos um levante sobre o processo gradual de desenvolvimento do pensamento crítico, destacando a influência e importância do ambiente escolar na formação deste pensamento. Também foram feitas propostas sobre uma melhor abordagem didático-pedagógica a ser adotada em sala de aula, fundamentado nas ideias de Paulo Freire.

No segundo capítulo, destacamos o espaço como enfoque para o processo de formação crítico-reflexivo do aluno, dessa vez, como um sujeito social. No terceiro capítulo, apresentamos e analisamos o posicionamento de alguns alunos diante da leitura de texto que, aparentemente, não oferece maiores complexidades de compreensão.

2 O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO DO SUJEITO NO ESPAÇO ESCOLAR

É interessante notar que ao olhar para o passado conseguimos perceber como certas ideias e pensamentos são aprimorados, ou até mesmo substituídos por novas ideias que surgem para atender as exigências do momento histórico e/ou da necessidade momentânea. Por exemplo, o avanço científico juntamente com as necessidades de consumo da sociedade resultou na Revolução Industrial que mudou toda a dinâmica homem/máquina/meio ambiente.

A necessidade de se pensar a escola que queremos, resultou em uma evolução gradual de conceitos e concepções, substituindo a imagem da escola tradicional (ambiente de transmissão do conhecimento) pela imagem da escola na qual o conhecimento se dá através da interação de quem ensina e aprende. Nesse sentido, o conhecimento deixa de ser algo metódico e o professor assume o papel de agente transformador, mas que também é transformado.

Note que o quadro do ambiente escolar se torna algo mais dinâmico tanto para o aluno quanto para o professor, uma vez que entendemos o professor como um sujeito que também é transformado ao interagir com o aluno. Neste contexto, cabe discutir a importância do cotidiano escolar na formação profissional e pessoal do aluno.

Inicialmente, vale lembrar que o cérebro humano é um sistema dinâmico em constante evolução, que está sujeito à influência de diversos fatores externos. Fatores estes que podem ser biológicos, físicos, químicos, psicológicos e até mesmo sociais. Arranha (2003, p.317) expõe bem o determinismo defendido pelo filósofo, historiador e crítico literário Hippolyte Adolf Taine que acreditava ser o comportamento do homem determinado por três fatores: o meio, a raça e o momento histórico em que vive. Podemos observar a essência da afirmação na prática, através da observação do surgimento de grupos que são resultados do sentimento de mudança, de protesto, simplesmente da necessidade de expressar sentimentos ou de ser diferente da maioria da sociedade, é o caso do grupo que se intitula EMO – jovens com roupas características e que expressam nitidamente seus sentimentos.

Nessa perspectiva devemos entender a magnitude influência que o meio exerce no desenvolvimento e manutenção da personalidade humana. Sendo assim, o ambiente familiar, o cotidiano escolar e a sociedade (referente às interações que

não ocorrem na escola nem no ambiente familiar) são fundamentalmente importantes na construção do “consciente” humano, ou melhor, da sapiência individual. Em particular, a escola é responsável por uma gama de acontecimentos na vida de um estudante o que define intimamente o futuro profissional e pessoal do mesmo.

Anteriormente, a escola era vista como o local onde o professor transmitia o conhecimento para o aluno, algo parecido com a construção civil, onde o pedreiro encaixa já pronto o tijolo no muro em construção. No caso da escola, o professor está para o pedreiro, assim como o conhecimento está para o tijolo e o aluno está para o muro em construção. Aí reside o problema, o educando não é um muro à espera de um tijolo (conhecimento), pelo contrário, nem o conhecimento é algo pronto, imutável e definitivo, nem o aluno é passional como um muro.

As várias reformas feitas na educação nas últimas décadas têm como objetivo, em geral, tornar a escola um ambiente bem mais dinâmico. Uma dinâmica que afeta a forma como o conhecimento era transmitido pelo mediador dessa transmissão (professor) e o receptor (educando). Observa-se que a escola deixa de ser vista como um simples local onde o conhecimento é transmitido e passa a ser vista como uma entidade transformadora e altamente dinâmica.

Note que a escola tradicional era baseada em ideias positivistas, onde o conhecimento é tido como uma verdade absoluta e universal. Entretanto, como disse o físico Niels Borh (1995, p.142) “O oposto de uma afirmação verdadeira é uma afirmação falsa. Mas o oposto de uma profunda verdade pode ser outra profunda verdade”

Então, o conhecimento não pode ser entendido como um parâmetro imutável, muito menos ser concebido como pronto e definitivo. Como foi dito anteriormente, o cérebro está em constante evolução, sendo assim, também não podemos ver o educando como um depósito de conhecimento, ou como um muro à espera de um tijolo. O educador deve ter consciência de que todas as suas ações em sala de aula afetam o modo como o aluno lida a realidade que o cerca, podendo estreitar seus laços com a família e também com a disciplina.

Já se torna evidente a importância do ambiente escolar na evolução cognitiva e social do aluno. As concepções adquiridas na escola são investimentos para o futuro pessoal e profissional do educando. Devemos entender que a escola tem o

poder de transcender o âmbito profissional, e está diretamente relacionada ao desempenho interpessoal individual de cada um.

Os primeiros laços sociais não acadêmicos nascem no ambiente escolar, ou seja, os primeiros amigos geralmente são feitos na escola. E é no ambiente de recreação escolar que são desenvolvidas as capacidades de convivência com terceiros, onde elas ficam menos inibidas e mais propícias a aceitarem a opinião alheia.

É no cotidiano escolar que as noções de livre arbítrio devem ficar mais explícitas, ou seja, o poder de auto-decisão individual deve ser esclarecido. Todo indivíduo é livre para fazer e pensar de forma independente. Sendo assim, a decisão de ser um indivíduo crítico, com opiniões formadas, é uma decisão individual.

Assim sendo, a escola tem a necessidade de apreciar a rotina da sociedade, com intuito de poder atender as demandas da clientela nela inserida, como também descobrir os talentos ocultos, dando-lhes oportunidades de expansão, criar projetos e eventos, desenvolvendo seus conhecimentos, para que assim possamos ter no futuro uma sociedade de homens críticos-reflexivos, que sejam capazes de desenvolver sua consciência acerca dos seus direitos e deveres como cidadãos.

Diante disso, Piaget (1975, p.42) enfatiza a interação social como condição necessária para o desenvolvimento intelectual. Muitas pessoas acreditam que a teoria de Piaget enfatiza somente a maturação do sistema nervoso e experiência com objetos concretos. No entanto, estes componentes, por essenciais que sejam não são suficientes. As crianças precisam falar, discutir e disputar com outras crianças. O Professor precisa cuidar que a interação social, enfatizando a linguagem, tenha um lugar proeminente na programação diária do ensino. Isto pode ser realizado através das discussões de grupo, desempenho de papéis dramáticos e debate em classe.

Não só a criança como também o adolescente precisa desenvolver a linguagem oral e escrita, cabe ao professor elaborar projetos para que os mesmos desenvolvam seu senso crítico. É preciso incentivar o aluno, e até exigir a participação de cada um, considerando que o professor tem autoridade de mudanças em seu trabalho escolar. É importante que o docente tenha conhecimento da realidade dos mesmos, sendo assim, se torna mais fácil de compreender e buscar condições de superar e desenvolver o autoconhecimento e autonomia, capacidade como: dialogar, participar e cooperar. O professor precisa se portar

como mediador dos conhecimentos, pois vivemos numa época, na qual as informações muitas vezes chegam tão rápidas que o educador precisa passar por etapas de renovação e atualização, ou seja, ter visão de mundo e ser consciente de si mesmo, dos seus valores e limitações para enfrentar as transformações e modernidade da totalidade.

2.1 O cotidiano escolar e a formação do pensamento crítico do aluno

A pedagogia é um campo de conhecimento que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade, uma vez que é responsável pela prática educativa e o processo pelo qual são assimilados conhecimentos e experiências acumuladas pela prática social da humanidade.

Nesse sentido, cabe à pedagogia assegurar e orientar as finalidades sociais e políticas, apontando possíveis caminhos que dêem condições metodológicas e organizativas para viabilizar as práticas sociais no que concerne ao saber sistematizado.

Partindo dessas premissas, compreende-se que o conhecimento desses procedimentos pode ajudar a concretizar a investigação acerca de determinadas atitudes permanentes de sala de aula e, conseqüentemente, propor procedimentos teórico-metodológicos, a fim de produzir e socializar conhecimentos pedagógicos de modo sistemático.

Apoiadas em alguns princípios, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2012) para a formação dos professores definem o seguinte conjunto de competências necessárias à atuação profissional: ao comprometimento com os valores estéticos, políticos e éticos inspirados da sociedade democrática; a compreensão do papel social da escola; ao domínio dos conteúdos e serem socializados, de seus significados em diferentes contextos e de sua articulação interdisciplinar; ao domínio do conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica; ao gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional.

Portanto, a escola, juntamente com a família, forma uma dualidade que constrói um indivíduo para atuar de muitas formas na sociedade, mas isso só é possível se o cotidiano escolar do aluno estiver assegurado pelas diretrizes que orientam o fazer pedagógico no ambiente escolar, e nesse fazer entra a parceria

com a família e a sociedade como um todo, pois não se forma um cidadão efetivamente crítico e participativo dissociando-o de suas relações e práxis familiares e sociais.

Além do conhecimento das competências da atuação profissional do professor, a escola de formação de professores deve, sempre que necessário, oferecer condições de aprendizagem dos conhecimentos das escolaridades básica, de acordo com a LBD (Lei - 2394/26) e as Diretrizes Curriculares Nacionais. Estas diretrizes são documentos básicos norteadores da formação do professor e de um ensino que vise compromisso e qualidade na educação.

2.2 A proposta de uma abordagem pedagógica libertadora à luz dos pressupostos de Paulo Freire

A educação concebida por Freire (1979, p. 25), como “um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”, compreende os atos de ensinar e aprender, que caracterizam a natureza da prática educativa, enquanto – “dimensões do processo maior – o de conhecer” Freire (1992, p. 110). Sendo assim, de acordo com a compreensão da perspectiva reflexiva da realidade presente, resultam desafios à prática da concepção problematizadora e libertadora da educação frente a esse contexto. Torna-se indispensável entender a relevância e comprometer-se com o desenvolvimento de práticas transformadoras que viabilizem uma expectativa de instruir os educando a conscientização.

A educação libertadora, compreendida como —“um ato de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 122), está relacionada à possibilidade de termos conhecimento sobre nossas possibilidades e convicções e a partir disso indagarmos a realidade que nos cerca, buscando alternativas e atitudes transformadoras. Cabe ao professor orientar e estimular a capacidade dos alunos em questionarem o âmbito que os cercam, sempre que possível buscando, através de reflexão, soluções para enfrentarem as forças dominantes que paralisam a massa oprimida diante de sua própria ignorância.

É indiscutível e extraordinário o poder transformador de uma educação baseada em conhecimentos que despertem e agucem o lado reflexivo do aluno, pois os educandos além de serem meros aprendizes, são cidadãos e como tais precisam ser modulados para atuarem na sociedade em que vivem, almejando a melhoria da

mesma, fato este que só é viável com a conscientização de seus direitos e deveres. Freire (1973, p. 40) refletindo sobre esse aspecto defende que:

A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação.

Sendo assim, é viável que o professor instigue o senso crítico do aluno em sala de aula por meio de atividades que estimulem essa busca por soluções e que os permita compreender sua condição como um ser psicossocial, permitindo que os inquietem na busca de respostas diante das problemáticas encontradas. Segundo Freitas (2004, p. 69):

A conscientização, enquanto processo permanente de construção da criticidade, para além de sua dimensão política, implica necessariamente uma dimensão epistemológica, uma vez que a consciência crítica ao não se satisfazer com as aparências, nem aceitar explicações mágicas sobre a realidade, pressupõe uma atitude de inquietação e busca da compreensão dos fatos, ultrapassando os limites da cotidianidade e exigindo que o pensamento opere epistemologicamente. Logo, a curiosidade torna-se epistemológica, característica fundante da consciência crítica, a qual, não se reduz à tomada de consciência, mas implica, principalmente, a assunção de sua condição de sujeito histórico. Nesse processo, no exercício permanente da capacidade de conhecer-se, através da criticização das relações consciência-mundo, o sujeito contribui para a transformação da realidade à medida que transforma também a si mesmo.

O principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram – homens criativos, inventores, descobridores. O segundo objetivo da educação é formar mentes criativa, verificadoras, que não aceitam tudo que se lhes propõe sem questionar. O grande perigo de hoje são os slogans, opiniões coletivas e manobradas, tendências manipulativas de pensar. Devemos ser capazes de resistir individualmente, de criticar, de distinguir entre o que é provado e o que não é. Desta forma, segundo Duckworth (1991, p.17), “necessitamos de alunos ativos, que desde cedo aprendem como descobrir as coisas por conta própria, em parte pela sua atividade espontânea

e em parte através de materiais que lhes fornecemos”.

O autor retrata a educação dentro de uma mais visão abrangente, em que devemos trabalhar os objetivos que ele destaca, a fim de formar cidadãos capazes de tomar decisões coerentes em prol de um mundo melhor para a humanidade. Para isto, é necessário conhecer a realidade do contexto social, cultural, político e econômico no qual o aluno está inserido, e ao professor cabe à tarefa de fazer um diagnóstico prévio dessa realidade, dialogar, criar laço de afetividade e buscar adequar o conhecimento sistemático ao universo de conhecimento empírico do educando, atentando, principalmente, para a importância de rever e construir novos conceitos acerca da relação do homem e sociedade.

Partindo desses pressupostos, compreendemos que só a educação tem o poder de transformar crianças, jovens e adultos em homens criativos, participativo, capazes de se posicionarem e lutar por um espaço de direito e de igualdade na sociedade atual, homens que saibam questionar, reivindicar e denunciar as injustiças sociais, o desemprego, a violência, a corrupção e os direitos que lhes são usurpados.

3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO EDUCANDO CRÍTICO REFLEXIVO

3.1 A formação crítico-reflexivo e construção de conhecimento

É compreensível que as definições curriculares oficiais e os materiais didáticos a eles relacionados sirvam ao professor como um referencial importante na orientação de seu trabalho pedagógico e, são, sem dúvida, fontes importantes no decorrer da construção de sua prática educacional. Entretanto, o papel do professor não pode ficar restrito, burocraticamente, a um simples executor desse currículo e aplicador eficiente de manuais didáticos. O trabalho educativo do docente, só será transformador se o profissional analisar e refletir sobre as reais necessidades dos beneficiários de seu trabalho, que são os alunos e a comunidade escolar como um todo. Dessa forma, o educador deve selecionar os conteúdos a serem ensinados, os métodos de ação e estimular seus alunos a indagarem e explorarem o que está sendo ministrado em sala de aula, a fim de que possam encontrar sentido das atividades para sua realidade.

Na função de “[...] mediadores entre os alunos e os conhecimentos científicos, os docentes fazem adaptações na organização e na estrutura dos conhecimentos e até mesmo nos conteúdos de ensino” (THERRIEN; et al, 2004, p. 45). Nesse sentido, o professor não deve se limitar apenas ao livro didático há a necessidade de recorrer a outros meios educacionais, pois precisamos nos adaptar aos meios tecnológicos, considerando que já é uma realidade vivenciada atualmente, visto que o professor não é mais uma fonte primordial de conhecimento, como era considerado a um tempo atrás. Hoje somos bombardeados constantemente com informações, cabe ao educador atualizar-se e renovar-se diante desse novo modelo educacional, com intuito de tornar o ambiente escolar mais atrativo e prazeroso para o aluno.

3.2 O estímulo do senso crítico em sala de aula

Muitos são os questionamentos e discussões a respeito do papel da escola na educação, porém, é preciso vê-la além de espaço de transmissão de conhecimentos aos alunos. Sendo a escola conhecida como “instituição do saber”, a mesma exerce uma enorme importância para toda a sociedade. Por tamanha importância que a mesma se faz jus, necessita-se olhar além das “paredes” do

âmbito escolar e buscar ver e ensinar os alunos a pensarem sobre a sociedade na qual estão inseridos.

A escola necessita ser encarada como uma instituição que prepare para a vida, na função de preparar cidadãos cientes de seus direitos e deveres. De acordo com Gómez (2000), a escola é um ambiente de aprendizagem, onde há grande pluralidade cultural, mas que direciona a construção de significados compartilhados entre o aluno e o professor. A construção desses significados compartilhados enfatiza uma necessidade de mudança na escola, por meio da reflexão.

A necessidade da individualidade e da coletividade, as quais envolvem diversos aspectos da escola, ou seja: as relações entre o ensinar e aprender com diversas trocas de informações, a interação de indivíduos que participam da cultura escolar, além dos processos curriculares, pedagógicos e administrativos favorece o compartilhamento de informações e interação da cultura escolar.

Deve-se pensar a escola como um ambiente atrativo para professores, alunos e os profissionais nela atuantes, para que estes possam se sentir convidados a participar desta atmosfera de conhecimento que dia após dia é construída por professores e alunos, aproveitando o conhecimento prévio que é trazido por todos. Para Assmann (2007), é preciso que os docentes reinventem e reencantem a educação, tendo como foco uma visão educacional, usufruindo do conhecimento já construído e produzindo novas experiências no processo de ensino-aprendizagem dos educando.

A ideia de que é por meio da produção do conhecimento que mais adequadamente se favorece o desenvolvimento da consciência crítica e não pela tentativa de passar, unicamente, com palavra, a crítica aos outros, é que compreendemos a escola como espaço promissor para a produção do conhecimento e do desenvolvimento do pensamento crítico.

Produzir conhecimentos significa colocar os sujeitos da aprendizagem numa perspectiva de indagação que leve à reflexão e ao conhecimento. Contudo, o grande desafio da escola hoje é transformar o ensino transmissivo em pedagogia ativa, dialógica e interativa, que se contrapõe a toda e qualquer visão unidirecional e hierarquia do saber. Seguindo essa lógica pedagógica, o ideal seria que o professor desfizesse do seu papel tradicional de ser um "palestrante", papel este que é identificado com a lógica da transferência de saber, substituindo tal conduta pela partilha da construção e autoria dos conhecimentos, estimulando o aluno a

raciocinar e refletir sobre a relação e contribuição do conteúdo ministrado para sua específica realidade psicossocial.

Certamente um professor que engendra e participa da caminhada do saber de seus alunos, como nos ensinou Freire (1996), consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada educando, podendo mais adequadamente interferir na construção de uma escola formadora de cidadãos críticos, considerando que um dos pontos cruciais de um ensino qualificado é a capacidade de conscientização da identidade sócio-cultural dos alunos e valorização da capacidade de entendimento que cada um deles tem do mundo e de si mesmos.

De acordo com Freitas (2004 p. 37) “A vida na escola precisa estar atenta à valorização dos saberes construídos fora da escola para, tomando-os como referência, questioná-los, ampliá-los e/ou transformá-los, dando sentido à construção de um conhecimento libertador.” Dessa forma, torna-se necessário que a escola assuma seu papel de transformador, de construtor do conhecimento e não de mero reproduzidor de conteúdos e conceitos.

4 UM OLHAR ANALÍTICO PARA O PENSAMENTO CRÍTICO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE JERICÓ

O desenvolvimento do senso crítico é um dos objetivos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais. É fundamental o desenvolvimento de competências ligadas à leitura e análise que sejam contextualizada e interpretada de forma reflexiva na formação de cidadãos críticos e pensantes, que sejam conscientes, preparando-os para a vida adulta e a inserção autônoma na sociedade.

Dessa forma, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), se potencialmente não podemos mais deixar de ter inquietações com o domínio de conhecimentos formais para a participação crítica na sociedade, considera-se também que é indispensável uma adequação pedagógica às características de um aluno que pensa de um professor que sabe e de conteúdos com valor social e formativo.

Para isto, é preciso incorporar reflexões sobre a atuação do aluno nas suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades, sua participação no coletivo e suas atitudes de compromisso com classes, grupos sociais, culturas, valores e com geração do presente e do futuro.

De acordo com (Jolibert, 1994), o indivíduo deve ser apresentado ao mundo da leitura desde criança, pois quando isso acontece, provavelmente torna-se um adulto leitor, porque adquiriu o gosto e o prazer na infância, por isso cabe aos pais contribuírem para o desenvolvimento desse processo de formação de seus filhos, incentivando-os a praticarem o ato da leitura, já que na maioria das vezes as crianças não recebem o auxílio da família em relação à leitura.

Não é de hoje que alguns educadores de diversos países procuram meios para que os discentes saiam da pedagogia tradicional, onde a educação é centrada no professor cuja função define-se por vigiar os alunos, aconselhá-los, ensinar a matéria e corrigi-la, sem haver uma reflexão sobre o que está sendo repassado em sala de aula. Nesse sentido, é preciso trabalhar numa perspectiva construtivista para que os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem construam conhecimentos pertinentes a suas vidas. Por isso é importante ressaltar o valor que tem a inovação de novas estratégias metodológicas de ensino no espaço escolar, que o professor tenha habilidades de estabelecer critérios que desenvolvam nos discentes seu raciocínio, livrando-os da inércia de aceitarem tudo que lhe são oferecidos sem questionar. Ainda de acordo com Piaget (1973, p.18) “a primeira dessas condições é naturalmente o recurso aos métodos ativos, conferindo-se especial relevo a pesquisa espontânea dada pelo aluno ou pelo menos reconstruída e não simplesmente transmitida”.

Para Piaget, os trabalhos podem possibilitar aos alunos uma maior decisão quando eles são feitos espontaneamente, relevando sua criatividade com inteligência capaz de resolver questões e assumido responsabilidade próprias. Para tempos novos, obras novas. Devido a isso, hoje o aluno deve construir seu pensamento próprio. Por isso é fundamental que no processo de aprendizagem o aluno torna-se um agente de construção ilimitada, ou seja, ao invés de receber pronto, o aluno conquiste autonomia para buscar o conhecimento.

Para preparar o aluno para o processo de ensino aprendizagem de leitura, para que o mesmo consiga analisar um texto com clareza é preciso que o professor consiga levar este cidadão a interpretar o ler de forma crítica, fazendo suas intervenções e indo além do que está explícito no texto, ou seja, é preciso ler também as entrelinhas. Também é necessário que essas aulas sejam planejadas e trabalhadas de forma diversificada, de acordo com a exigência das matrizes de habilidades que abordam os gêneros textuais. Isso pode ser possível através de

aulas expositivas e explicativas, dialogadas, leituras e discussão, interpretação de textos literários, jornalístico, trabalhos em grupos e individuais.

De acordo com Kuenzer (2002, p. 101):

Leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas, promovendo a formação do sujeito crítico e reflexivo, uma vez que é através do desenvolvimento dessas habilidades que os estudantes podem posicionar-se em situações, sejam elas cotidianas ou não, com autonomia.

Cabe à escola a tarefa de oportunizar ao estudante situações de ensino-aprendizagem que contextualizam os conhecimentos que os mesmos já trazem quando chegam à escola e os que vão ser adquiridos nas aulas, sem que haja ruptura.

A leitura é um dos principais meios para a formação dos cidadãos, e foi pensando nisso que realizamos uma intervenção em sala de aula, com o objetivo de observar e descrever o desempenho de alunos de uma Escola pública de nível Fundamental e Médio da cidade de Jericó no alto sertão paraibano em relação ao desenvolvimento do senso crítico diante da leitura. A intervenção foi feita com duas turmas de Ensino Médio (1ºano A; 1º ano B) e uma turma de Ensino Fundamental (8º ano A), num total de 80 alunos.

A escolha das turmas se justifica pelo fato de se tratarem de turmas de níveis diferentes, visto que nossa intenção é perceber o grau de maturidade que há entre os leitores do ensino médio em relação aos alunos do ensino fundamental. Outro fator que contribuiu para a escolha diz respeito ao fato de que é justamente nesses dois níveis que os alunos, muitas vezes, apresentam maiores dificuldades em lidar com a compreensão dos textos, considerando as especificidades e complexidades de cada nível de escolaridade dos mesmos.

Foram aplicados três textos: “Terapia do Afeto, fantasia e Risadas”, na turma do 8º ano, “Ser idoso e ser velho” no 1º ano A e um texto jornalístico que aponta dados estatísticos acerca da violência contra idosos, na turma do 1º ano B. Em seguida os alunos foram questionados através de uma atividade que promovesse o diálogo com os textos lidos.

4.1 Percepções de alunos do Ensino Fundamental sobre o texto “Terapia do afeto, fantasia e risadas”

Foi trabalhado com os alunos do 8º ano “A”, o texto “Terapia do Afeto, fantasia e Risadas”, onde retrata a história de vida de Hunter Adams, conhecido como Patch Adams, um jovem estudante de Medicina dos Estados Unidos, que utilizava o riso como terapia para os seus pacientes, dessa forma a técnica nada convencional de Adams na forma de tratar os pacientes fugia do padrão comum de como os mesmos eram tratados pelos demais médicos, onde eram tratados como um mero portador de uma específica doença, e não como seres humanos. Diante disso, Adams acreditava que o humor podia restabelecer a autoestima do paciente e conseqüentemente ajudar na sua recuperação. Na sala de aula, foi realizada a leitura em voz alta pelo educador, logo após cada aluno fez uma leitura individual e refletiva do texto. Em seguida, foi feito um levantamento de perguntas e respostas, oral e escrita, priorizando o olhar crítico e criativo de cada discente. A atividade, com caráter qualitativo, foi respondida individualmente, sendo que vinte e cinco alunos responderam ao questionário. Diante disso, foram selecionadas três respostas como amostra representativa da pesquisa. Para manter o anonimato dos alunos, vamos tratá-los por A1, A2 e A3.

Através dos depoimentos coletados, observou-se o julgamento do alunado acerca do texto, no qual se verificou um olhar crítico dos mesmos diante do assunto abordado na análise, visto que as reflexões feitas por cada aluno justificam de modo paralelo entre eles que a terapia do afeto pode trazer importantes benefícios para o sujeito doente.

Vejamos a resolução dos questionamentos feitos aos alunos: Você concorda que rir é mesmo o melhor remédio? Por quê? Atentemos para as seguintes respostas dos alunos:

“Sim. Rir pode mudar toda historia de vida onde havia tristeza hoje há alegria. Assim como Dr. Path Adams era estudante de medicina ele fazia uma grande mudança ele era diferente, onde outros médicos viam como doentes ele via como pessoa, como ser humano. Ele ta mais que certo eu também quero ser medica e quero tratar todos com atenção, carinho, amor e assim que vou ser e não vou mudar de opinião nunca” (A1).

“Sim. Estudos mostram que quando uma pessoa dá uma boa gargalhada ele previne uma serie de doenças cardíacas, produz substancias boas em seu corpo. Rir é mesmo o melhor remédio” (A2).

“Sim. Rir é uma das melhores coisas do mundo e ainda é de graça. As vezes quando estamos tristes, o que agente mais precisa é de um simples abraço, aperto de mão, e uma piada para rimos e esquecemos das nossas *tristezas*” (A3).

Embora as respostas estejam muito ancoradas no texto base, ou seja, os alunos acabem repetindo muito do que está dito no texto, há uma intervenção dos três alunos quando afirmam que rir é uma atividade incomparável, que provoca bem estar e satisfação ainda que estejam em situação de desencanto.

Os resultados apontam semelhança com o novo modelo de transmissão de conhecimentos e, conseqüentemente, de educação, elaborada por Freitas (2002), quando afirma que nesse processo trata-se de aprender e conhecer, onde os alunos estabelecem ligações entre diferentes saberes, significados da vida cotidiana e capacidades interiores dos seres humanos. De acordo com os PCN a partir disso, desenvolve o senso crítico, visto que o sujeito busca um posicionamento analítico reflexivo e construtivo mediante as diversas situações sociais (BRASIL, 2012).

Segundo Silva (2003) a escola atual possui o compromisso de fornecer uma educação que atenda aos múltiplos aspectos da vida humana, sejam eles fatores socioeconômicos, éticos ou afetivos.

Quando questionados sobre: Qual lição você pode tirar do texto “Terapia de Afeto, Fantasia e Risada”, para sua realidade? Eles apontaram as seguintes propositivas:

“Aprender ser solidário com meu próximo, é muito importante amá-lo muitas vezes você pode mudar uma historia de tristeza. Ser solidário não é dar tudo o que tem e sim amar seu próximo acima de tudo, dar uma palavra de carinho, contar uma piada e fazê-lo rir isso tudo você pode fazer. Não custa nada é grátis mudar a historia de seu próximo, amigo não é aquele que diz vá em frente, mas sim aquele que diz vou contigo” (A1).

“Sim. Muitos hospitais usam a técnica de se fantasiar de palhaço para ver os doentes sorrir. Eu acho isso muito interessante e super apoio” (A2).

“Eu acredito que transformar um hospital em um lugar mais alegre, só faria bem aos pacientes. Afinal, doença nunca foi sinônimo de tristeza” (A3).

Os relatos corroboram com os dados dispostos no estudo de Silva (2003) que aponta a necessidade de levar os alunos a reflexão de valores que sevem de parâmetro para formação de juízos e princípios. Desta forma, é importante que o professor estimule o aluno a evidenciar os pontos que o levou a formar esse julgamento, para que possua consistência lógica, defendendo um ponto de vista.

Eles reconhecem o valor da solidariedade, e defendem a importância de oferecer carinho, atenção e cuidados específicos aos pacientes que estão nos leitos de hospitais. As ponderações dos alunos revelam o espírito de colaboração e fraternidade entre os irmãos, sobretudo para aqueles que estão se sentindo inseguros e sem motivação para sorrir.

Nesse sentido, é importante ler e debater em sala de aula questões inerentes aos valores como respeito, solidariedade, fraternidade e colaboração, que os alunos aprendam que viver em sociedade é pensar e desejar o bem da coletividade, a fim de que se possa minimizar um pouco a cultura dessa sociedade individualista e egocêntrica.

Partindo dessa compreensão, Silva (2003) lembra que não basta que o professor aborde apenas conteúdos equivalentes às disciplinas, mas que confrontem os discentes com aspectos reais, levando a formar um pensamento crítico, considerando questões éticas e morais da vida humana, formando, deste modo, não apenas percepção da realidade, mas também juízo de valor.

A escola pode preparar o aluno para o exercício da cidadania, para entender seu papel na sociedade, compreender sua própria realidade, ser um bom cidadão crítico e participativo e, acima de tudo, solidário e justo.

4.2 Percepções de alunos do Ensino Médio sobre o texto “Ser idoso e ser velho”

Muitos argumentos são utilizados para combater a luta em favor da violência contra os idosos. Como o dia primeiro de outubro é comemorado o dia idoso. Na sequência da intervenção em sala de aula, foi trabalhado o texto “Ser idoso e ser velho”, com alunos do ensino médio. Considerando que a leitura é um dos

elementos responsáveis pelo desenvolvimento e formação crítica dos cidadãos, observamos que alguns discentes encontram dificuldade em relação à leitura de maior complexidade. Nesse sentido o professor deve sempre analisar os contextos em que estão inseridos para que assim, os alunos possam identificar a relevância das informações para a sua vida e o bem comum da sociedade.

O principal objetivo da leitura é trabalhar desenvolver as habilidades de compreensão dos leitores, baseado na construção do conhecimento crítico e sistemático, levando os mesmos a pensar e expor seu ponto de vista diante de textos de diversos gêneros e temáticas.

A turma do 1º Ano “A” é composta de 25 alunos, todos responderam a atividade espontânea, foram aplicadas cinco questões referentes à compreensão e posicionamento sobre o texto mencionado acima. Pode-se afirmar que o ato de pensar é capaz de romper algumas barreiras que alguns alunos encontram na vida. Por isso, o ato de pensar e questionar são muito importantes no âmbito escolar. Em função do tempo, não há como verticalizar todas as respostas, por isso escolhemos apenas três alunos para que possamos refletir sobre o que disseram. A escolha foi aleatória, não há um critério específico que justifique a escolha dos três alunos, mas é possível afirmar que muitas respostas dadas pelos 25 alunos apresentam alguns pontos de aproximação.

Vejamos os que eles disseram diante da seguinte pergunta: Em sua opinião, uma pessoa idosa deve ser considerada velha? Por quê? Destacamos as seguintes respostas:

“Não. Porque velho é aquele que não serve, e idoso merece pois a base do nosso futuro” (A1).

“Não. Porque hoje tem pessoas idosas mais dispostas do que as pessoas jovens, não se deve julgar as pessoas pela idade mais sim pela disposição” (A2).

“Não. Porque, simplesmente são pessoas que tiveram mais sorte, a sorte de ainda está vivo, e ser experiente” (A3).

De acordo com os estudos de Tishman (1999) e Lipman (1995), é importante que as afirmativas dos alunos sejam acompanhadas de razões, isto é, devem-se avaliar os critérios utilizados para compor seu julgamento, sendo fundamental para a autocorreção e aprimoramento dos julgamentos, para que eles não sejam expressos

com preconceitos e/ou autoilusões. Pois, segundo Silva (2003) o aluno só será capaz de defender seu pensamento, se ele for plausível, racional e ainda avaliando aspectos éticos e psicológicos.

Analisando os posicionamentos das três respostas, percebemos que há o reconhecimento por parte dos alunos de que a idade não é elemento preponderante para julgar a capacidade do homem, visto que defendem que há pessoas jovens que não têm o mesmo vigor de muitos idosos. É claro que isso não pode ser considerado como uma regra, pois sabemos que à medida que o tempo passa é natural que o homem perca algumas funções de resistências, sobretudo no que diz respeito à força física e à saúde. .

Desta forma, para que o pensamento possua sentido e orientação, é importante que o professor institua e exercite um mecanismo metodológico de investigação, onde o aluno seja capaz de julgar, observar, estabelecer comparações, discernir semelhanças e diferenças (SILVA, 2003).

Em seguida eles foram abordados com o seguinte questionamento: Qual a importância de respeitar os idosos? Selecionamos as respostas descritas abaixo:

“A importância de que são pessoas que nos podem ensinar e que a cada dia aprendemos mais coisas” (A1).

“A importância é porque o idoso precisa muito de respeito porque já é uma pessoa de idade uma pessoa que já viveu sua vida” (A2).

“A importância de respeitar é que é eles que nos ensina as coisas do nosso cotidiano nos prepara para os nosso dias e devemos respeitar-los porque são de idade mais avançada que nos adolescentes” (A3).

Pode-se observar que os depoimentos coletados além de considerar aspectos fisiológicos, racionais, expressam fatores subjetivos relacionados à percepção do senso crítico, como o respeito, a sabedoria e os ensinamentos do indivíduo velho. Corroborando com esse pensamento, Silva (2003) afirma que:

O desenvolvimento do senso crítico interfere significativamente na interpretação e escolha de argumentos, colaborando sensivelmente para a leitura e escrita. Além disso, a reflexão crítica é fundamental na vida cotidiana e nas múltiplas escolhas que fazemos inclusive as de caráter ético e político.

É preciso destacar que partes das respostas dos alunos partem do senso comum, ou seja, eles repetem uma compreensão que é comum da maioria das pessoas no que se refere aos discursos, ou ao que chamamos de frases feitas e/ou estereotipadas.

No 1º ano “B” foi trabalhado um texto jornalístico que aponta as estatísticas sobre os idosos. Escolhemos três alunos com suas respectivas respostas, os quais trataremos de B1, B2 e B3.

Quando abordados com o questionamento: Qual a sua crítica em relação à violência praticada contra os idosos? Eles se posicionaram da seguinte forma:

“Minha crítica, mais que outros ameaçados, e sendo incapazes de se defender. O idoso deve ser tratado com amor, carinho, e minha não sendo vítimas de violência” (B1).

“Minha crítica é a relação de acasos que ocorrem somente com os idosos é pelo fato que essas pessoas são mais frágeis e não conseguem se defender a tais delitos, e o caso a esses idosos serem atacados por sua própria família é pelo caso de seus aposentos, que muitos parentes tomam posse e não utilizam para o idoso, mais com si próprio” (B2).

“Claro, critico sim, que eu sou contra isso, penso que essas pessoas que fazem esse tipo de barbaridade devem apodrecer nas grades, maus tratos contra idosos ou a qualquer outra pessoa é crime! E o pior é que a maioria das pessoas que fazem isso são familiares, a maioria deles, fazem isso porque também não tem lei rigorosa contra os idosos no Brasil, por exemplo :Hoje eles fazem esses maus tratos, a manhã eles já estão soltos. Tem alguns idosos que sofrem mais que outros antes de morrer alguns espancam, outros fazem ferimentos graves isso é horrível. Se todos se conscientizassem, os pises seriam outros totalmente diferentes” (B3).

Através dos depoimentos, percebemos a identidade crítica do alunado, acerca do ato de violência contra a pessoa idosa. Por meio do texto analisado, criou-se uma verdade e expõe-se o ponto de vista, defendendo-o. Semelhante o que Lipman (1995) defende, afirmando que sem percepção das justificativas que levaram os estudantes a criticar ou defender qualquer ideia, não há identidade crítica neste ato.

Nesse sentido, ainda que os argumentos apresentem certa fragilidade na organização frasal, eles reconhecem o valor do idoso e a necessidade de a sociedade olhar para a terceira idade com mais afeto, cuidado e responsabilidade.

Percebemos na fala de B2, o que se constata na prática, que há uma preocupação com os dados estáticos da violência praticada contra o idoso, e que essa violência muitas vezes parte da própria família, o que choca ainda mais o leitor e aqueles cujas experiências revelam essa realidade.

Desta forma, entendemos que o aluno leitor ao praticar o exercício da crítica, é capaz de expor as razões que o levou até um determinado ponto de vista, mesmo quando as respostas reproduzem um pouco do que já foi dito no texto, ou porque ouviu alguém falar. Não se pode negar, contudo, as limitações de argumentos mais consistentes nas intervenções dos alunos em ambas as situações. Não há um aprofundamento do pensamento crítico, eles se limitam aos textos para reproduzir suas respostas.

O sujeito deve ser capaz de estabelecer critérios, como adequação, pertinência e relevância da opinião que pretende defender. Já que, de acordo com Silva (2003) estabelecer um ponto de vista próprio é um dos principais objetivos da educação.

Diante da questão que foi solicitada:

“Apresente uma intervenção que, possivelmente, poderia minimizar esse índice de violência?” Encontramos propositivas que mostram que por meio da leitura é possível levar o aluno a refletir e apontar algumas soluções para determinados problemas. Isso se deve ao modo de como eles compreendem o texto e de que forma são questionados pelo texto e pelo professor.

Nesse sentido, entendemos que um caminho viável para despertar a leitura e desenvolver o senso crítico dos discentes é mantê-los em constante contato com leituras de textos diversos, que tratem, sobretudo, de temáticas relacionadas com a realidade dos sujeitos leitores. Silva (2003) acredita que é a partir dessa trajetória que os discentes desenvolverão sua capacidade construtiva e transformadora tão necessária ao exercício da cidadania. Vejamos os posicionamentos dos alunos:

“Devemos cuidar bem dos nossos idosos, pois eles merecem nosso respeito, ajudar a eles em tudo que precisarem ao invés de maltratar com violência, só porque são mais sensíveis não podemos maltratá-los” (B1).

“O caso é o idoso pode ter os seus direitos e ter algo que facilite o seu saque do seu dinheiro e ser cuidado por

enfermeiras de alta confiança para que não ocorra ao dinheiro que poderia ser privado” (B2).

“O que podemos fazer para minimizar esses casos de violência contra idosos e que devemos respeito, e cuidado, saber se expressar que se eles precisassem de nós, que todos se lembrem que um dia eles também ajudaram a gente, e que todos nós sabemos que precisamos deles paratodas as ocasiões” (B3).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) é importante que os alunos tenham contato na escola com questões sociais da contemporaneidade, como a violência contra idosos, pois esta prática possibilita dentre outras coisas, a capacidade de conviver com outros pontos de vista, a competência de enunciá-la e de conviver com varias ideologia, possibilitando, desta maneira, o exercício da democracia. Os PCN (1998, p.33) apontam ainda a seguinte proposta:

Analisar criticamente discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade avaliativa dos textos: contrapondo sua interpretação da realidade a diferentes opiniões; identificando e repensando juízos de valor tanto socioideológicos, quanto histórico-culturais.

Neste sentido é fundamental que o professor desenvolva a capacidade de apresentar textos e relacioná-los, para que os alunos possam inteirar de outros pontos de vista. Podendo ser utilizadas, por exemplo, paródias, apresentando aos discentes pontos de vista divergentes acerca de um mesmo tema. Compondo, deste modo, seu próprio ponto de vista mediante as várias ideologias, como destaca Silva (2003), ao tratar de estratégias de leitura no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como propósito discutir acerca do senso crítico, atentando para as concepções empreitadas pelas teorias e os modos com se constrói o pensamento crítico no espaço escolar. Para isto consideramos relevantes fazer um levantamento de como alguns alunos do nível fundamental e médio lidam com a leitura e compreensão do texto, ou seja, como eles se colocam diante de um determinado assunto quando são provocados pelo professor a falarem sobre o que pensam.

A escola que serviu de campo para as nossas intervenções foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Maia, no município de Jericó-PB, em turmas de 8º ano do nível fundamental e 1º ano de nível médio.

Refletindo sobre a educação, percebemos a sua importância e o seu poder de transformadora, visto que é através de conhecimento e do desenvolvimento das capacidades intelectuais, morais, políticas, culturais e sociais, que os sujeitos vão adquirindo as condições básicas para o pleno exercício da cidadania e construção de uma sociedade crítica flexiva e igualitária.

O estudo em pauta engloba indagações com relação ao processo de ensino aprendizagem na formação de cidadão crítico, destacando possíveis caminhos para um ensino mais significativo, principalmente no que se refere às competências e habilidades de leitura e compreensão.

Diante disso, defendemos a ideia de que a escola deve então repensar a formação escolar oferecida hoje ao seu aluno, procurando estratégias de ensino que ajude, não apenas memorizar conteúdos, mas despertar para o senso crítico e reflexivo, a fim de que, transcorrido a fase escolar, ele possa caminhar sozinho e atuar de forma soberana na sociedade.

Para isto, o ambiente escolar precisa valorizar a cultura dos sujeitos, dando espaço para que eles se posicionem, e não fiquem presos ao fantasma do medo de errar, pois é só possível desenvolver o pensamento crítico quando é dado aos alunos o direito à voz, ainda que essa voz pareça insuficiente para revelar o que eles sabem ou podem aprender. Isso está diretamente relacionando direitos e deveres vinculados à vontade democráticos.

Na sociedade altamente competitiva em que vivem as pessoas de hoje, precisa-se da aplicação de novos conhecimentos, porque aqueles que estiverem providos

com melhores instrumentos para enfrentar os desafios do dia a dia tanto nos estudos quanto no trabalho terão mais chances de sobreviverem às novas relações sociais impostas pela sociedade que acabam provocando a exclusão econômica, política e cultural.

As profundas e rápidas mudanças que ocorrem no atual momento da civilização têm levado muitas pessoas a experimentarem, com frequência, de situações de insegurança e mal estar, sentindo-se, muitas vezes, inseguros e desajustados.

O resultado desta pesquisa aponta para a necessidade de provocar o aluno a expor suas ideias, falar o que pensa e se posicionar sem que seja tirado dele o direito de externar seu pensamento, mas se colocando diante das questões sociais que envolvem valores e direitos humanos, como é o caso dos idosos e a violência que hoje é praticada contra esses sujeitos que tanto colaboraram com a formação de suas famílias e da sociedade de um modo geral, além de outras questões de natureza social, política, econômica e religiosa.

Ficou evidente que cada sujeito, ao seu modo, tem algo a dizer sobre determinadas temáticas vinculadas nos mais variados gêneros textuais. O que falta, na verdade, são estratégias que instigue a participação efetiva do aluno nas discussões em sala de aula, a fim de que ele se reconheça como sujeito crítico e atuante.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; HELENA, Maria Pires Martins. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOHR, N. *The unity of Knowledge*. Nova York: Doubleday, 1995

BRASIL (1998) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Resolução CNE/CEB nº 2/2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. 3. ed. Brasília, 2001.

DUCKWORTH, Eleanor. *Idéias: Maravilha em Educação*. Instituto Piaget. 1991. Lisboa.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. *Cad. Pesqui.* [online]. 2002, n.116.

FREITAS, A. L. S. **Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores** / 3. ed. Ana Lúcia Souza de Freitas. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Cultural action for freedom. Extensión o comunicación?* ArG.B.: Penguin, 1972a. gentma: Siglo XXI, 1973.

_____. **conscientização: teoria e prática da libertação — urna introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓMEZ, P. A. I. **A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula**. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JOLIBERT, J. *Formando Crianças Leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KUENZER, Acácia (Org.). Ensino Médio: **Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3ª ed. Cortez, 2002.

LIPMAN, Matthew. **O Pensar na Educação**. Petrópolis. Vozes, 1995.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

PIAGET, Jean Estudos sociológicos Rio de Janeiro: Forense, 1973.

SILVA, Rejane Maria Ghisolfi. **Constituição de professores universitários de disciplinas sobre ensino de química**. Piracicaba: Unimep, Tese de doutorado, 2003.

TERRIEN, J.; MAMEDE, M. A.; LOIOLA, F. A. Gestão moral da matéria e autonomia no trabalho docente. In: ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. R. A. (Orgs.). **Conhecimento local e conhecimento universal: a aula e os campos do conhecimento**. Curitiba: Champagnat, 2004, v. 3, p. 43-56.

TISHMAN, S.; PERKINS, D. N.; JAY, E. A Cultura do pensamento na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

ENSINO MÉDIO – TURMA: _____

Caro (a) aluno (a)

Este questionário é parte de uma pesquisa sobre o meu Trabalho de Conclusão do Curso e sua colaboração é de fundamental importância para a fase exploratória deste estudo, Por favor, responda as questões abaixo a partir da leitura do texto.

Texto 1

As estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), divulgadas esta quarta-feira, referem que 809 idosos foram vítimas de crime, representando 9% do total das vítimas diretas registadas pela associação em 2012 (8945).

Em 39% das situações reportadas à APAV, "a relação entre autor do crime e a vítima era a de pai/mãe", enquanto em 26,9% dos casos era de marido e mulher e em 3,1% das situações eram netos.

A maioria das vítimas (80,6%) é mulher, 32,9% tinham entre os 65 e os 70 anos e 27% entre os 75 e os 80 anos.

Mais de um terço (34,4%) das vítimas tinham uma família nuclear com filhos e quase 18% viviam sós, refere o documento publicado no "site" da associação.

Os dados indicam também que 7% das vítimas não tinham escolaridade, 3,7% tinham o primeiro ciclo do ensino básico e o mesmo número o ensino superior.

Disponível: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=3064518. Acesso em 01 de outubro de 2014.

Questões para reflexões:

1. Qual o seu posicionamento crítico em relação à violência praticada contra os idosos?
2. Apresente uma possível solução para tentar diminuir o índice de violência contra os idosos.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

ENSINO MÉDIO – TURMA: _____

Caro (a) aluno (a)

Este questionário é parte de uma pesquisa sobre o meu Trabalho de Conclusão do Curso e sua colaboração é de fundamental importância para a fase exploratória deste estudo, Por favor, responda as questões abaixo a partir da leitura do texto.

Texto 2

Ser idoso e ser velho

“Idoso é quem tem muita idade; velho é quem perdeu a jovialidade.

A idade causa degeneração das células; a velhice, a degeneração do espírito.

Você é idoso quando se pergunta se vale a pena;

Você é velho quando, sem pensar, responde que não.

Você é idoso quando sonha;

Você é velho quando apenas dorme.

Você é idoso quando ainda aprende;

Você é velho quando já nem ensina.

Você é idoso quando se exercita;

Você é velho quando apenas descansa.

Você é idoso quando ainda sente amor;

Você é velho quando só sente ciúmes.

Você é idoso quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida;

Você é velho quando todos os dias parecem o último da longa jornada.

Você é idoso quando o seu calendário tem amanhã;

Você é velho quando ele só tem ontem.

O idoso se renova a cada dia que começa; o velho se acaba a cada noite que termina, pois, enquanto o idoso tem os olhos postos no horizonte, de onde o sol desponta e ilumina a esperança, o velho tem sua miopia voltada para as sombras do passado.

O idoso tem planos; o velho tem saudades.

O idoso curte o que lhe resta da vida;
o velho sofre o que o aproxima da morte.

O idoso leva uma vida ativa, plena de projetos e preche de esperança.
Para ele o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega.
Para o velho suas horas se arrastam destituídas de sentido.

As rugas do idoso são bonitas, porque foram marcadas pelo sorriso;
as rugas do velho são feias, porque foram vincadas pela amargura.

Em suma, idoso e velho podem ter a mesma idade no cartório,
mas tem idades diferentes no coração.

Que você, idoso, viva uma longa vida, mas não fique velho nunca”

Disponível: <http://franciscanos.org.br/?p=4170>. Acesso em 01 de outubro de 2014.

1. Em sua opinião, uma pessoa idosa deve ser considerada velha? Por quê?
2. Qual a importância de respeitar os idosos?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

ENSINO FUNDAMENTAL – TURMA: 8ºano “A”

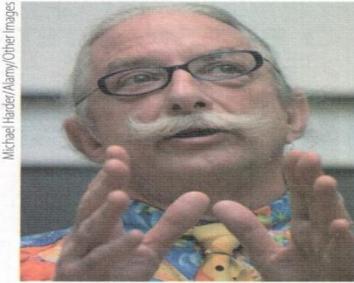
Caro (a) aluno (a)

Este questionário é parte de uma pesquisa sobre o meu Trabalho de Conclusão do Curso e sua colaboração é de fundamental importância para a fase exploratória deste estudo, Por favor, responda as questões abaixo a partir da leitura do texto.

Texto 3

TERAPIA DE AFETO, FANTASIA E RISADAS

Terapia de afeto, fantasia e risadas



Hunter Adams

Na década de 1970, um jovem estudante de Medicina dos Estados Unidos mudou para sempre o modo como muitos doentes são tratados em vários hospitais do mundo. Seu nome é Hunter Adams, mas ele é mais conhecido como Patch Adams.

No lugar onde os médicos viam apenas pacientes, Patch via pessoas. Ao prescrever remédios para curar as doenças, Patch Adams ministrava também boas doses de alegria.

Andando pelos corredores do hospital com nariz e sapatão de pa-

lhaço, soltando bolhas de sabão e fazendo zumbido de abelha, ele acreditava que transformar o ambiente frio e esterilizado de um hospital em um lugar mais alegre só faria bem aos pacientes, afinal, doença nunca foi sinônimo de tristeza. Ao que parece, Patch estava certo.

Sua história foi contada no filme *Patch Adams – O amor é contagioso* (1998) e tem belas cenas, como a em que o médico do bem realiza o grande sonho de uma de suas pacientes: nadar em uma piscina cheia de macarrão.

Patch Adams criou um hospital só para tratar de pacientes com sua terapia de amor e risadas, o Instituto Gesundheit, que fica na área rural de West Virginia, nos Estados Unidos. Hoje, ele e sua trupe de palhaços viajam pelo mundo espalhando o vírus da alegria para áreas críticas em situação de guerra, pobreza e epidemia.

Aqui no Brasil, as ideias do Dr. Patch Adams estão por toda parte nos hospitais. Há grupos de teatro, musicoterapia, contação de histórias, palhaços, e até animais treinados para transmitir carinho aos pacientes. Isso é chamado de humanização hospitalar, uma forma de tornar o hospital um ambiente muito mais agradável aos pacientes.

Afinal, se hospital é lugar de remé-

dios e injeções, também pode ser lugar de risadas e alegria. Estudos mostram que quando uma pessoa dá uma boa gargalhada ela previne uma série de doenças cardíacas, produz substâncias boas no seu corpo (chamadas de endorfinas) e ainda melhora sua pressão arterial e as defesas do organismo contra infecções e alergias.

Rir é mesmo o melhor remédio, como acredita Patch Adams.

Shaonny Takaiama. Terapia de afeto, fantasia e risadas. *O Estado de S. Paulo*. Estadinho. São Paulo, 22 de setembro de 2007. p. 4.

1. Em sua opinião, você concorda que rir é mesmo o melhor remédio? Explique?
2. Que lição você pode tirar do texto “Terapia de afeto, fantasia e risadas”, para sua realidade?